



Leitura e pós-modernidade - algumas reflexões

Rosa Maria Hessel Silveira

Doutora em Educação e Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (Canoas-RS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre dimensões pedagógicas da aproximação entre a leitura e a pós-modernidade, partindo de discussões sobre as múltiplas identidades contemporâneas e sobre a pós-modernidade, como conceito que tanto engloba mudanças sociais e culturais atuais como novas formas de "pensar a realidade". Exploram-se alguns pontos atuais dessa aproximação: a contestação da exclusividade do texto literário na escola em benefício de uma variedade de gêneros textuais e artefatos culturais; a emergência de variadas identidades nos novos materiais de leitura; o entendimento da leitura como importante espaço de processos identitários; o reconhecido hibridismo na produção da própria leitura, assim como novas configurações no processo, preferências e tipos de leitura para uma geração desde cedo constituída num ambiente de videogames, Internet e *zapping*.

Palavras-chave: Leitura. Pós-modernidade. Educação.

Reading and post-modernity - some reflections

Abstract: This article presents reflections on the pedagogic dimensions of the approximation between reading and post-modernity, based on discussions about multiple contemporary identities and about post-modernity as a concept that includes current social and cultural changes as well new ways of "thinking reality". Some current points of approximation are examined: questioning the exclusive use of literary texts in schools as opposed to using a variety of textual genres and cultural artifacts; the emergence of various different identities in new reading materials; the understanding of reading as an important arena for identity processes; the acknowledged hybridism of the production of reading itself, as well as new configurations of the process, preferences and types of reading for a generation that is constituted, from a very early age, in an environment of videogames, the Internet and *zapping*.

Key words: Reading. Post-modernity. Education.

Pós-modernidade, identidades, diferenças, globalização - tais palavras vêm cada vez mais se inserindo no discurso das ciências humanas e da educação, ao lado de outras que já habitam há bem mais tempo o campo pedagógico: leitura, literatura e materiais de leitura. E é justamente no encontro das questões a que tais palavras remetem - conforme os significados preferenciais que explicitarei - que está o foco deste artigo, que não tem respostas conclusivas nem exaustivas, mas constitui um convite à reflexão sobre algumas dimensões pedagógicas dessa aproximação.

Muito se tem discutido sobre as múltiplas identidades vividas pelos sujeitos, sobre as identidades fragmentadas, sobre a dificuldade de se reconhecer no indivíduo um centro unificador, um "eu" profundo, estável, diferenciado dos outros e autoconsciente. A noção de tal sujeito está cada vez mais sob contestação. Já o conceito de *pós-modernidade* tem sido utilizado para englobar várias mudanças sociais e culturais, e novos enfoques de "pensamento da realidade", enfoques esses que enfatizam o fracasso efetivo das grandes explicações e crenças da Modernidade - a razão, o progresso, a ciência, a igualdade - aliado às modificações trazidas pelo extraordinário aumento do consumo, pela explosão da mídia (propiciada pelas novas tecnologias eletrônicas) e pela "nova globalização", com o correlato do culto ao individualismo.

A pós-modernidade semeou pontos de interrogação em relação às verdades de nossa vida - progresso? evolução? totalidade? ciência? razão? A explosão da mídia simultaneamente deu visibilidade a *diferenças* de que só havíamos ouvido falar e transformou-as em espetáculo, na esteira das tradições do exotismo; a comunicação eletrônica comprimiu espaço e tempo - somos "agora" espectadores do que está acontecendo "lá", mediados por um olhar eletrônico! Acompanhar o desenrolar de fatos minuto a minuto - geralmente os fatos espetacularizados - tornou-se o cardápio cotidiano dos telespectadores, como nunca antes havia sido possível. Já a mercantilização exacerbada nos transformou em consumidores perpétuos, obscurecendo ou modificando nosso *status* de cidadãos¹; a globalização, como processo econômico, social e cultural, que opera interconectando países e comunidades através do trânsito de bens e mensagens, modificou os contactos interculturais, ainda que ela não seja nem a mesma e nem tenha idênticas repercussões em relação aos diferentes países e grupos sociais. Eis, de maneira brevíssima, o panorama em que vivemos.

E é nesse panorama que várias conexões podem ser tecidas entre *pós-modernidade* e leitura. Assim, a descrença em algumas das grandes narrativas e dos valores sagrados da modernidade e as novas condições de existência das sociedades ocidentais podem ser relacionadas, em primeiro

lugar, à contestação da exclusividade da literatura como objeto de leitura preferencial da escola, num momento em que a própria especificidade da literariedade de determinados textos sofre questionamentos, marcados pelo reconhecimento das dimensões culturais e contextuais da sua legitimação. Como provoca Lajolo (2001, p. 13), "Um texto pode vir a ser ou deixar de ser literatura ao longo do tempo." E a autora relembra obras que foram consideradas literárias e já não o são, para afirmar, numa resposta hipotética a uma leitora também hipotética (2001, p. 16): "Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura."

Por outro lado, a difusão de certos princípios educativos - como a "educação para todos" - e a emergência dos discursos da psicologia, da pedagogia da escola nova, do construtivismo e da pedagogia crítica (em sua ênfase ao "interesse" e à relação escola-vida) abriram, no espaço quase sagrado da leitura escolar, uma brecha para os "outros materiais de leitura". *Uma escola aberta e próxima à vida* tornou-se também um slogan álibi para a invasão dos outros artefatos de leitura e outros gêneros textuais: crônicas, editoriais, charges, letras de músicas, quadrinhos, materiais publicitários.... Evidentemente, as lutas entre os defensores das várias correntes que se atribuem o direito de estabelecer o que deve ser lido e trabalhado no âmbito escolar não se esgotam e se renovam incessantemente, embora no campo educacional contemporâneo brasileiro a recomendação de que se diversifique os gêneros textuais à disposição do aluno seja a atualmente dominante, em detrimento do exclusivismo à "literatura" tradicional.

Retomemos a questão das *identidades*. Em primeiro lugar, a emergência ou melhor a visibilização de determinadas identidades antes silenciadas - mulheres, negros, homossexuais, deficientes... - começou a pipocar em alguns espaços sociais, em alguns produtos culturais, como a música popular, os fanzines, a expressão cênica, a imprensa especializada, chegando aos materiais de leitura de forma mais evidente do que antes. Exemplo de tal mudança se encontra em um tipo de literatura justamente contíguo à escola: a literatura infanto-juvenil, que se abriu a uma multiplicidade de temáticas e questionamentos identitários (gênero, etnia, idade, deficiência, orientação sexual), fenômeno que, obviamente, não pode ser desligado do incremento do seu mercado, sempre em íntima relação com diretrizes curriculares pedagógicas. Não por acaso os catálogos de livros de literatura infantil e infanto-juvenil publicados por diversas editoras apresentam os títulos em conexão com os temas transversais dos Parâmetros Curriculares, por exemplo.²

Em segundo lugar, vale a pena lembrar a observação de Culler (1999, p. 110) sobre o fato de que a literatura já há tempos vem se preocupando

com questões de identidade como tema e, tendo sempre, além do mais, “desempenhado um papel significativo na construção da identidade dos leitores”. Explorando a questão da experiência do “personagem” que é vivida pelo leitor, suas palavras nos levam a refletir sobre o quanto outros artefatos culturais também são usados como desencadeadores de processos identitários. Basta-nos lembrar o papel do rock na criação de uma cultura jovem ocidental e na identificação de milhões de adolescentes como “jovens”, pela idolatria aos mesmos ídolos globalizados, pela adoção de roupas, adereços, posturas, gestos e formas de comportamento. Nossas identidades (de mulher/homem, velho/jovem, hetero/homo, gaúcho/brasileiro...) se constroem, se desconstroem, se reconstroem pelas práticas em que imergimos, que experienciamos, nos variados processos identitários que podem ser a leitura de um poema, a assistência a uma telenovela, a discussão familiar do domingo de tarde, a reunião na escola para fazer o regimento escolar, a audição de determinados gêneros musicais, a dança descontraída em grupo ao som do último sucesso ou da antiga música que embalava nossa adolescência, etc.

Quanto à *globalização* e sua irmã próxima, a mercantilização, observa Margulis (2001), que “o consumo avança sobre a cultura, mais ainda, se insere nela. Cada novo produto coloniza um espaço semiológico, se legitima em um mundo de sentidos e de signos (...)”. Vemos cotidianamente como a globalização coloca em circulação com rapidez, eficiência e tino mercadológico, temas, personagens, narrativas, que proliferam em livros, filmes, roupas, mochilas, estojos, numa saturação logo seguida pela exaustão. Mas também é necessário pensar no hibridismo desse consumo, nas “traduções” dessas “mensagens”, na adaptação desses “códigos” através dos tempos, lugares e culturas regionalizadas. Especificamente no caso da palavra escrita, Canclini (1999, p.150) nos aponta um dos limites (e importante limite!) a essa pretensa globalização cultural: “Pelo enraizamento da literatura em uma língua particular, os livros e revistas tendem a difundir-se dentro de contextos lingüísticos e repertórios estilísticos limitados.” Mesmo que se considere a rapidez das traduções dos sucessos editoriais - dos livros às revistas, é preciso lembrar como o regional e o nacional ainda reinam em vários campos de preferências leitoras.³

Enfim, mudaram as redes em que se inserem os vários objetos de leitura, mudaram esses objetos, mudaram seus suportes, suas formas, seus temas preferenciais, suas vias de legitimação, suas chaves de sedução. O que é ler para quem foi criado num mundo povoado pelo som ininterrupto e pela imagem em movimento da TV? O que é estudar ouvindo CDs num volume absolutamente impensável para as representações tradicionais da “leitura concentrada”? O que é ler um livro para crianças que passam horas nos jogos de computador em que a direção do olhar

para a “salvação do herói” já não é a mesma direção ditada por nossa leitura alfabética, da esquerda para a direita? Em que sentidos as experiências do *zapping* televisivo, da frenética digitação e leitura dos *frequêntadores de chats*, da escrita pessoal e leitura dos blogs se conectam, se articulam e modificam as formas, as ações e as expectativas de leitores e leitoras adolescentes e crianças? São perguntas que ainda não têm resposta e talvez para nós nunca haja as definitivas. Enfim, são perguntas de quem se constituiu como leitor/a em outro tipo de experiência cultural! Perguntamo-nos sobre isso porque vemos tais situações como inverossímeis, desviantes; perguntamo-nos porque estamos em outro paradigma... assim como nossos filhos se assustam ao saber que seus avós (às vezes, os pais) se criaram num mundo sem a TV de todos os dias ou, mesmo, sem celular...

Isso não significa, entretanto, desesperança, niilismo, convite à volta a um passado. Significa pensarmos em novos tempos e em uma nova escola e refletirmos sobre questões como a que Possenti (2001, p. 11) traz:

Não sei dizer claramente em que os livros podem ajudar alguém a ser melhor, até porque teríamos que definir “melhor” (...). Certamente, não se trata de imaginar que os livros, por si sós, lidos na solidão do quarto, sobre uma almofada de seda, convertam alguém. Mas, na medida em que se trata de discursos, e na medida em que estes estão imbricados com posições de poder ou de utopias, eles podem não deixar o leitor no mesmo estado.

E é esse “novo estado” do leitor, a que Possenti faz referência, que entendemos que inevitavelmente será constituído pelos matizes da contemporaneidade, sem, entretanto, apagar a utopia de um mundo que, mesmo diferenciado e plural, seja também igualitário!

¹ A obra de Néstor Garcia Canclini - *Consumidores e cidadãos - conflitos multiculturais da globalização* - continua relevante na reflexão sobre as mudanças das últimas décadas, em especial na América Latina.

² A esse respeito, ver a análise detida de Maria Alice Goulart na dissertação de mestrado *O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos doces como fim: o micropoder dos catálogos de livros infantis*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, no ano de 2000.

³ Basta olharmos as listas dos livros mais vendidos em vários eventos de porte, para constatarmos a presença de autores brasileiros, tanto na chamada literatura adulta, quanto na literatura para crianças. Harry Potter vende, mas Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lya Luft, Luís Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, também vendem expressivamente! Isso, sem considerar uma certa tradição de que autores gaúchos geralmente ocupem as primeiras posições de vendagem na Feira do Livro de Porto Alegre, por exemplo.

Referências:

CANCLINI, N.G.. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

CULLER, J.. *Teoria literária: introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

LAJÓLO, M. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

MARGULIS, M. *Globalización y cultura*. Disponible em: <http://www.fsoc.uba.ar/Publicaciones/Sociedade/Soci09/margulis.html>. Acesso: 16.03.2001

POSSENTI, S. Sobre o discurso a respeito de leitura em editoriais da ALB. (2001, junho). *Leitura: teoria & prática*, ano 20, n.37, jun. 2001. Campinas: Associação de Leitura do Brasil.